

CAPÍTULO I

Das idéias em geral e da sua origem

1. Se todo o homem tem por si mesmo consciência de que pensa e se aquilo a que o seu espírito se aplica, quando pensa, são as idéias que aí estão, não há dúvida de que os homens têm no seu espírito várias idéias, tais como as que se exprimem pelas palavras *brancura, dureza, doçura, pensar, moção, homem, elefante, exército, ebriedade* e outras. Posto isto, a primeira coisa que se deve investigar é como é que o homem chega a possuir todas estas idéias.

Não desconheço que é opinião aceite que os homens têm idéias inatas e certos caracteres originários impressos na mente, desde o primeiro momento da sua existência. Esta opinião já foi por mim detidamente examinada e suponho que quanto disse no livro precedente será mais facilmente admitido quando eu tiver mostrado de onde pode o entendimento tirar todas as idéias que possui e por que vias e graus elas podem entrar na mente, para o que invocarei a observação e a experiência pessoais de cada um.

2. Suponhamos então que a mente seja, como se diz, um papel branco, vazio de todos os caracteres, sem quaisquer idéias. Como chega a recebê-las? De onde obtém esta prodigiosa abundância de idéias, que a ativa e ilimitada fantasia do homem nele pintou, com uma variedade quase infinita? De onde tira todos os materiais da razão e do conhecimento? A isto respondo com uma só palavra: da EXPERIÊNCIA. Aí está o fundamento de todo o nosso conhecimento; em última instância daí deriva todo ele. São as observações que fazemos sobre os objetos exteriores e sensíveis ou sobre as operações internas de nossa mente, de que nos apercebemos e sobre as quais nós próprios refletimos, que fornecem à nossa mente a matéria de todos os seus pensamentos. Estas são as duas fontes de conhecimento, de onde brotam todas as idéias que temos ou podemos naturalmente ter.

3. Em primeiro lugar, os nossos sentidos, no comércio com objetos sensíveis particulares, introduzem na mente várias percepções distintas de coisas, consoante os diversos modos segundo os quais esses objetos os afetam. E, assim, chegamos a possuir essas idéias que temos do *amarelo*, do *branco*, do *quente*, do *frio*, do *mole*, do *duro*, do *amargo*, do *doce*, e de todas aquelas que chamamos qualidades sensíveis. E, quando digo que os sentidos as introduzem na mente, quero significar que eles transmitem, dos objetos exteriores para a mente, aquilo que nela produz aquelas percepções. Chamo SENSACÃO a esta grande fonte da maior parte das idéias que temos, posto que estas dependem totalmente dos nossos sentidos e por eles são comunicadas ao entendimento.

4. Em segundo lugar, a outra fonte a partir da qual a experiência provê de idéias o entendimento é a percepção das operações interiores da nossa própria mente enquanto se debruça sobre as idéias que recebeu. Essas operações, quando a alma sobre elas reflete e as considera, abastecem o entendimento de uma outra série de idéias que não se poderiam receber das coisas exteriores. Tais são as de *percepção, pensar, duvidar, acreditar, raciocinar, conhecer, querer* e de todas as diversas ações do nosso próprio espírito, as quais – posto que delas temos consciência e as podemos observar em nós mesmos – recebemos no nosso entendimento tão distintamente como as que temos dos corpos que impressionam os nossos sentidos. Todo o homem possui totalmente em si mesmo esta fonte de idéias e, ainda que ela não seja um sentido por nada ter que ver com objetos externos, assemelha-se-lhe muito, todavia, e pode com propriedade ser chamada *sentido interno*. Mas, como à outra fonte das idéias chamo sensação, a esta denomino REFLEXÃO, porque por seu intermédio a mente só recebe as idéias que adquire ao refletir sobre as próprias operações internas. Portanto, na continuação deste discurso, quero que se entenda por reflexão o conhecimento que a alma adquire das suas próprias operações e respectivos modos, pelos quais o entendimento chega a ter idéias acerca de tais operações. Estas duas fontes, isto é, as coisas externas materiais, como objetos de SENSACÃO, e as operações internas da nossa mente, como objetos da REFLEXÃO, são, para mim, os únicos princípios de onde todas as nossas idéias originariamente procedem. Aqui emprego o termo *operações* num sentido lato, de modo que compreende não só as ações da mente em relação às suas idéias, mas também um certo tipo de paixões que, por vezes, delas procedem, tais como a satisfação ou inquietação que qualquer pensamento possa provocar.

5. O entendimento, na minha opinião, não tem o mínimo vislumbre de idéia que não tenha recebido de uma destas duas fontes. Os *objetos externos* fornecem à mente as idéias das qualidades sensíveis que são todas essas diferentes percepções por elas produzidas em nós; e a mente fornece ao entendimento as idéias das suas próprias operações. Se fizermos uma revisão completa de todas estas idéias e dos seus diversos modos, combinações e relações, veremos que contêm a totalidade das nossas idéias e que nada temos nas nossas mentes que não proceda de uma dessas duas vias. Examine cada qual os seus próprios pensamentos e penetre a fundo no seu entendimento e diga-me, depois, se alguma das idéias originais, que aí tem, não são idéias de objetos dos seus sentidos ou de operações da sua mente, consideradas como objetos da sua reflexão. E, por maior que ele imagine o cúmulo de conhecimentos aí armazenados, verá, se o investigar com rigor, que, na sua mente, não há outras idéias além das que foram impressas por uma destas duas vias, muito embora – como depois veremos – talvez combinadas e ampliadas com uma variedade infinita pelo entendimento.

* LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. Trad. Eduardo Abranches de Soveral. Serviço de Educação – Fundação Calouste Gulbenkian.